A.K. Chesterton

Credo de um Revolucionário Fascista

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Credo de um Revolucionário Fascista

I. Perigos da Tolerância.

O povo da Grã-Bretanha não é adepto no uso da raiva.

É por isso que nossos políticos dormem tão pacificamente à noite, e por que nenhum terror noturno paira sobre os travesseiros de nossos magnatas da Imprensa, ou perturba os sonos beatíficos de nossos malabaristas do dinheiro. A indignação que se dissolve diante das lisonjas da imprensa ou é convenientemente desviada por mentiras de jornal não é do tipo que arrasta carroças pelas ruas sob o brilho de um pôr do sol sangrento.

Argumenta-se que os defeitos que fazem dos britânicos revolucionários muito fracos representam qualidades autênticas no caráter nacional—por exemplo, o que o jornal de Ostrer chama de “o esplêndido espetáculo da sanidade britânica”’20 se reduz a essa aparente incapacidade de raiva.

Realistas que usam tais termos são de imediato suspeitos. Eles sabem que uma raça de homens que, bem-humorados, suportam sua vida nacional para assumir o aspecto de uma gigantesca farsa, enquanto todo tipo de desatino financeiro e trapaça política opera em seu desfavor por trás dos bastidores, não pode, por qualquer exagero da imaginação, ser considerada sã. Quando tais pessoas nos parabenizam por nossa sanidade, portanto, o que realmente estão fazendo é parabenizar a si mesmos por sua falta de familiaridade íntima com nossos postes de iluminação.

O perigo de nossos povos reside justamente nessa tolerância em que são ensinados a ter tanto orgulho. Que sejamos um povo moderado não é por nossa discrição, exceto que em toda parte nossa brandura é explorada. Que nossos espíritos busquem a paz não é uma acusação contra nós, exceto que em toda parte nossa tranquilidade fornece solo para o cultivo de senhores que são primos de sangue do verme e da sanguessuga.

Não há esperança de salvação nacional até que os britânicos aprendam a enxergar através de sua vangloriada virtude da tolerância e tragam à tona a raiva como uma espada para limpar a imundície que essa mesma tolerância gerou.

As sociedades estão muito avançadas em depravação quando a tolerância é considerada boa em si mesma, sem consideração pelo que está sendo tolerado.

Na confusa mistura de ideias democráticas, a tolerância é confundida com o humanitarismo. Mas sem essa confusão, tão assiduamente fomentada, nossa civilização comercial moderna dificilmente teria sobrevivido ao seu nascimento. Jamais nos anais humanos a lei do dente e da presa foi exercida com tamanha

intensidade selvagem quanto durante os últimos cem anos, e ainda assim, ao longo de todo esse tempo, o povo da Grã-Bretanha se envaideceu de viver em uma terra “onde a liberdade se amplia lentamente de precedente em precedente,”’21 e acreditava que, ao tolerar os mais monstruosos e palpáveis males, estavam servindo ou à vontade de Deus ou então àquela divindade mais estranha e misteriosa a quem chamavam de Evolução—em qualquer dos casos, que estavam agindo como homens e mulheres sábios no interesse da humanidade. Se lhes tivesse sido dito que sua atitude não era humanitária, mas sim a negação de todo valor humano, teriam ficado surpresos e magoados, mas bastante incrédulos.

Que os resultados julguem a questão. Enquanto a reforma e a mitigação de alguns dos males mais grosseiros avançaram um pouco, lutando a cada centímetro do caminho, seu progresso é ilimitadamente menor do que o da pilhagem e da charlatanice organizada que fez surgir a ira de Carlyle há um século, e que hoje o deixaria sem palavras e desfalecido.

O fascismo surge em cena para insistir que a raiva, longe de ser semelhante à loucura e ao peculiar vício do bárbaro, é indispensável para o progresso ordenado da humanidade. Temperada e disciplinada, torna-se talvez a principal de todas as virtudes sociais que redimirão o mundo.

Não que as ruas da Merrie England fluam com sangue; não que cabeças rolem na areia. O revolucionário fascista recusa-se a considerar as vidas dos charlatães e malabaristas como suficientemente valiosas para destruir. O que deve ser destruído é a tolerância que é seu terreno fértil, juntamente com os sistemas políticos e econômicos que eles moldaram com tanta habilidade segundo os desejos de seu coração.

Daí por diante, toda tentativa de reintroduzir um materialismo degradado e um padrão de moralidade comercial e política que envergonharia as próprias bestas do campo não encontrará a complacência entorpecida de uma raça dopada e aturdida, mas sim uma raiva fria e implacável, erguida como sentinela no limiar das permanentes decências da vida.

Então, de fato, se testemunhará “o esplêndido espetáculo da sanidade britânica,”’22 embora seja duvidoso que as instalações da Imprensa de Ostrer sejam enfeitadas em honra do dia.

II. A Luta contra a Decadência.

A paciência do povo britânico na resistência às injustiças, representando um dos mais tristes triunfos da Democracia, não alcança em parte alguma uma soberania maior do

que entre a massa do povo, ao menos nominalmente em revolta contra a injustiça organizada do sistema econômico vigente.

“Eles também servem que apenas ficam de pé e esperam,” um admirável lema para o Conservadorismo, poderia ser gravado com igual veracidade sob a Bandeira Vermelha, já que a maioria daqueles que deveriam estar assaltando as barricadas de nosso sistema econômico, no papel de honestos revolucionários, têm sido tão anestesiados pela filosofia predominante do último século que não se voluntariam para mais do que agir como patronos da evolução, aspirando a assistir às barricadas perecerem por conta própria.

É isso o que chamam de “Inevitabilidade da Gradualidade,” e em um aspecto importante eles estão certos—o atual sistema econômico de fato está caindo em ruínas. Acontece apenas que o mesmo processo, ao mesmo tempo e em ritmo vastamente acelerado, está dominando toda a nação.

Enquanto esses “Progressistas” inertes titubeiam e tergiversam e lutam suas batalhas ilusórias dentro e fora do Parlamento, a Grã-Bretanha—antes tão orgulhosa e viril e majestosa—desmorona em dissolução, suas fundações corroídas pela cobiça financeira e comercial, sua superestrutura abalada pela ineptidão política, covardia e corrupção, sua moral destruída pelas discórdias espirituais da luta de classes, e sua antiga grandeza assediada por todas as forças de decadência que surgem quando não há antitoxina de corajosa e esforço construtivo de manter o povo em um estado de exercício e saúde.

Nada é mais fácil do que postular um estado ideal e então assumir que a Providência, compartilhando a mesma visão, está trabalhando com lenta precisão e infinita sabedoria para sua realização. Nada é mais fácil—e nada mais desastroso.

As Gerações dos Perdidos, de seus pontos de observação nas esquinas, aguardam em vão que a visão se materialize, e depois que os anos sem esperança tenham passado, chega o dia em que se torna evidente para todos que o novo e bravo mundo não chegou, mas que o velho mundo mau piorou, e que aquilo que outrora foi um grande e rico império caiu às proporções de um estado vassalo, empobrecido, fraco e fétido de corrupção e da sepultura.

Assim, não há confiança a ser depositada nem naqueles que desejariam conservar um sistema ruim e vacilante, nem naqueles que se regozijam em ver o sistema vacilar e são indiferentes à destruição simultânea de uma soberba raça de homens.

Estes são dias perigosos para a nação, cujas doenças profundamente enraizadas não podem ser curadas pelas falsas medicinas dos políticos, mas apenas pela cirurgia drástica de uma revolução fascista.

O preço a ser pago pela revolução implica o sacrifício de muitas ilusões queridas, não sendo a menor delas a noção presunçosa de que o progresso é inerente ao esquema social das coisas.

Temos que encarar uma verdade que para muitos não será uma verdade agradável—que a tendência social é sempre na direção da desintegração. Aqui está o frio consolo para os reformadores que deixam seu trabalho para o processo do tempo. Contudo, homens de verdade, longe de se desencorajarem, lerão nesse decreto ainda mais a necessidade do desenvolvimento de "músculo" espiritual, sabendo que o futuro da civilização repousa inteiramente com eles e com o esplendor de sua coragem.

Poderá o esforço humano salvar nossa nação do declínio e forjar para ela a revolução que garantirá uma vida mais abundante nos anos vindouros? Essa é a questão que a Providência lança sobre nossas cabeças, e apenas o Fascismo está pronto com uma resposta. As legiões da Camisa Negra marcham pelas ruas em resposta ao desafio.

As Camisas Negras ouviram o "tic, tic, tic" do Besouro-da-Morte Nacional, e nunca mais lhes está destinado repousar em paz. Daqui em diante servirão como os soldados da vida cívica britânica, guerreando eternamente contra todos os fatores de desintegração que conspiram para levar esta nação à perdição.

Não há outro caminho, não há outra esperança. Os artífices do compromisso eterno já fizeram o melhor—ou o pior. Não há mais desculpa que os aguarde, e devem agora ceder lugar ao fanático que sacrificará tudo por sua causa.

A civilização do futuro não será servida pelo mágico ou pelo *flâneur*, mas por homens e mulheres em um braseiro de sinceridade: homens e mulheres que edificarão sua vida coletiva com suor e agonia de trabalho, e interpretarão essa edificação como o propósito cardinal de suas vidas.

Sua obra nunca será em nenhum estágio fácil, menos ainda nestes dias da revolução que planejam. O que os confronta não é apenas o conservadorismo daqueles que defendem o presente, mas ainda mais o conservadorismo daqueles que professam rebelar-se contra ele. Como uma gigantesca farsa tem sido perpetrada sobre o povo da Grã-Bretanha por cem anos, agora metade deles está nas garras de uma falsa rebelião. Virá o desengano a tempo?

III. Traição Política.

A traição do eleitorado por homens que quebram suas promessas e servem a interesses diferentes daqueles aos quais deveriam estar comprometidos é algo comum em nossa vida política atual. O cinismo parlamentar e os *rackets* escondidos sob sua

superfície estão todos do lado dos traidores, assim como toda a conspiração social. A perfídia é agora aceita como questão de rotina.

Aqueles que alcançaram o poder prometendo acabar com essa desgraça provaram-se não mais confiáveis do que aqueles que buscavam suplantar. É quase um milagre de "comer o bolo e ainda tê-lo," pois ainda são aclamados como reformadores destinados a inaugurar o novo mundo, não importando quão tenazmente se apeguem aos consideráveis prêmios que o velho mundo tem a oferecer.

Não é de admirar que homens tão profundamente comprometidos mantenham seus credos revolucionários em estado de hibernação e nunca os tragam à tona, exceto quando não há o menor risco à manutenção do *status quo*.

É concebível que os mais honestos entre esses demagogos anestesiem suas consciências com a crença de que as massas exaustas que labutaram por seu triunfo estejam contentes que tais homens notáveis os representem, sem exigir o avanço das políticas que planejaram. Existem homens que os conhecemos bem demais, que são incapazes de imaginar qualquer objetivo desejável além de sua própria investidura com as rédeas do poder. A democracia, admirando tamanha vaidade inconquistável, sempre procura fazer desses homens seus Primeiros-Ministros.

De qualquer forma, nossos políticos são sábios em "fazer sua colheita enquanto o sol da estupidez popular brilha sobre eles", pois rapidamente se aproxima o dia em que a Revolução Fascista porá fim a suas atividades.

Ainda lhes é possível iludir-se de que nada têm a perder além de seus assentos, e até mesmo essa questão, segundo o costume imemorial, não dependerá do mérito do caso. Seus eleitores nunca têm a curiosidade de olhar o *Hansard*, muito menos os documentos que não são publicados para todo o mundo ler.

À primeira vista, eles têm toda a razão de supor que, assim como tem sido no passado, assim será no futuro, que o único negócio que é seguro administrar mal é o negócio nacional, e o único interesse que é seguro deturpar é o interesse nacional.

No entanto, aqueles dentre eles que têm os ouvidos mais próximos ao chão evidentemente desconfiam de sua segurança presente, e não sem motivo.

Eles sabem que uma justiça retributiva se prepara para pesar na balança suas realizações com suas promessas. Eles sabem que a marcha da Camisa Negra ao poder ergue bem alto as balanças, e com as balanças, o cadafalso para muitas reputações políticas.

Assim, o esforço frenético para esmagar nossa causa Fascista. Os políticos não abandonarão levianamente esse esforço, tão caro lhes é o apreço por sua atual liberdade.

Os cargos mais altos, entretanto, devem carregar as maiores responsabilidades, e somente ao responsabilizar aqueles que ocupam grandes funções pode o governo responsável tornar-se algo mais do que um fragmento no sonho democrático. É por isso que o Fascismo introduzirá na representação popular um novo elemento. Não será mais seguro recusar um acordo honesto ao eleitorado.

Obter votos por falsos pretextos, por exemplo, será considerado tão criminoso quanto o grande roubo em escala, e o homem que abusar de sua posição como curador da nação enganando os eleitores, promovendo um interesse setorial às custas do interesse nacional, ou promovendo seu próprio interesse pessoal de qualquer forma não associada à mais estrita integridade, muito em breve se verá tratado como inimigo do povo que ele trai.

Tão grande quanto será a mudança sob o Fascismo do sufrágio geográfico para o ocupacional, pelo qual os eleitores não votarão mais em políticos medíocres, mas em técnicos que compreendem suas necessidades específicas, haverá ainda uma transformação maior no status e no espírito da representação popular.

Os homens que chegarem ao topo sob esse sistema serão em um sentido muito real os eleitos do povo, tendo eles mesmos passado pela forja da indústria e provado seu valor aos olhos de colegas que não se deixam enganar facilmente. Sua distinção, ao contrário das distinções fabricadas de hoje, será tudo menos espúria.

Eles estarão entre os aristocratas da nova sociedade sem classes que o Fascismo edificará—aristocratas por direito de caráter e valor. Assuntos públicos, não mais uma pilhagem, serão administrados por eles como um sagrado dever, e eles gozarão do apoio de toda a cruzada Camisa Negra em manter vigilância e guarda incessantes sobre o que será a nova integridade da vida nacional—uma integridade na conformação da qual o Fascismo está destinado a encontrar sua suprema expressão e deixar sua marca mais duradoura sobre a história do homem.

IV. Individualismo Pagão

Nenhum aspecto da filosofia fascista desperta debate mais acalorado do que a ênfase colocada na importância suprema do Estado como guardião do destino político e econômico do homem.

Não nos surpreende que os democratas discutam conosco nesse ponto, pois veem no Estado apenas um agente para manter as massas em ordem, enquanto o individualismo desfruta de liberdade plena e iniciativa — uma visão que representa uma camuflagem tão bonita quanto o mais desonesto moralista político poderia desejar.

A liberdade em sua forma mais elevada é, para eles, a liberdade dos indivíduos mais poderosos de capturar a máquina estatal e usá-la em benefício próprio, sem reconhecer qualquer dever superior do Estado de agir em nome da comunidade geral.

O que realmente surpreende, porém, é que os Social-Democratas tomem partido junto com os partidos mais antigos na manutenção dessa concepção, e a apresentem como um ideal a ser defendido contra a "tirania" fascista. Os Social-Democratas são entendidos como defensores da posse pelo Estado de todas as fontes de sustento — ainda que professem negar ao Estado supremacia sobre suas partes componentes! Para o simplório, uma atitude tão estranha soa como pensamento confuso. Para aqueles que não são simplórios, soa como algo muito mais sinistro.

Os fascistas rejeitam o princípio da propriedade estatal dos meios de produção, distribuição e troca, mas se aceitássemos esse princípio, nosso argumento pela supremacia do Estado sobre todo interesse individual ou setorial conflitante teria força ainda maior, pois sem ele o fracasso socialista seria inconcebivelmente mais catastrófico do que o fracasso atual do Liberalismo Econômico. Em outras palavras, se fôssemos socialistas, nos encontraríamos, como homens de honestidade intelectual, no campo comunista.

A razão pela qual não estamos nesse campo, além de nossa fé apaixonada na estrela da nossa nação, é que acreditamos que a iniciativa privada pode ser muito mais eficiente do que a pública, desde que seja feita para funcionar dentro dos limites de uma economia planejada para o benefício do povo, em vez de sua exploração. Enquanto incentivamos a iniciativa privada, nossa tarefa não é manter as massas em ordem enquanto o individualismo goza de festividades, mas manter o *individualismo* em ordem para que as *massas* possam desfrutar do que nunca tiveram antes — a liberdade econômica de chamar suas almas de suas próprias.

Desde a Revolução Industrial a iniciativa privada tem governado os governos: chegou a hora de os governos evitarem o desastre governando a iniciativa privada.

O homem que realmente acredita que tal realização é possível sem conceder ao Governo o pleno poder de agir, e de proteger suas ações contra o terrível poder dos interesses estabelecidos, pode ganhar muito crédito em virtude de seus belos sentimentos, mas ele é, entretanto, um tolo.

Nada poderia ser mais fútil de argumentar, como quase todo crítico do Fascismo de fato argumenta, do que, na medida em que o Estado existe para o indivíduo, e não o indivíduo para o Estado, a ênfase não deve ser colocada sobre o Estado, mas sobre o indivíduo. A premissa está correta; a conclusão é mera ilusão.

É verdade que o Estado existe, ou deveria existir, para o indivíduo, mas por isso entende-se todos os indivíduos, e qual é a vida corporativa de todos os indivíduos senão a vida do próprio Estado? Nesse sentido, é claro que realistas que insistem nas reivindicações do indivíduo em oposição às do Estado estão promovendo a causa de pessoas cujas atividades entram em conflito com o interesse geral e são, portanto, antissociais, não justificando legislação favorecida, mas a ilegalidade.

Na Grã-Bretanha Fascista eles receberão o que lhes é devido.

Exigiremos de todo cidadão que seus métodos coincidam com os objetivos nacionais. Do contrário, não pode haver solução para nossos problemas. A verdade mística do paradoxo de que para ter vida um homem deve primeiro perdê-la está destinada a desempenhar um papel muito grande e prático na organização Fascista dos assuntos. Para que ele possa desfrutar da liberdade, o cidadão do futuro deve perdê-la para o Estado.

Uma de nossas muitas descobertas durante a guerra foi que nos batalhões onde a disciplina era mais firme os homens eram mais felizes e sua moral mais segura.

Há um sólido prazer em fazer parte de uma comunidade na qual cada indivíduo conhece sua função e a cumpre da melhor forma possível; em última análise, é duvidoso que exista qualquer outra verdadeira felicidade social.

Da mesma forma, é miserável trabalhar em um ambiente onde todos tentam burlar seu dever ou, ao organizar as coisas, depreciam seus colegas em vez de colaborar com eles. Seres humanos que se recusam a se submeter a um propósito comunitário mais elevado do que seus próprios objetivos egoístas não produzem nada além de egoísmo, traição e ganância.

Essas são as qualidades desagradáveis que os defensores da velha filosofia democrática pretendem proteger. Quando pedem apoio em sua luta contra o Fascismo, usam muitas palavras pomposas, mas o que exigem na realidade é a continuação de uma civilização comercial, em essência, impiedosa e pagã, que lhes permite enriquecer com a miséria e insegurança das grandes massas de seus compatriotas.

A retórica já não serve mais para ocultar essa realidade, que o Fascismo está se mobilizando para esmagar.

O Estado deve ser supremo. Essa é nossa determinação implacável, não porque pensemos pouco dos indivíduos que compõem o Estado, mas porque pensamos demais.

V. Liberdade Fascista.

Foi feita a tentativa de definir os limites além dos quais a liberdade não terá domínio soberano no Estado Fascista; a linha de demarcação sendo sempre o bem-estar espiritual e material de nosso povo.

Nas terras áridas que se encontram do lado errado da linha é provável que se encontre uma notável variedade de indivíduos, todos eles espiritualmente incapazes de assimilar o ideal da vida corporativa.

Esse *verray parfit* cavaleiro marxista, Vanoc II, junto com outros pedantes pesados e sem humor, sem dúvida passará seus dias trocando recordações com James Douglas; Beaverbrook e o triste pequeno Joad serão estranhos companheiros de cama; apenas sua futilidade comum explicará a camaradagem de Allen de Hurtwood e Elias de Odhams; enquanto a população geral desse deserto aterrador consistirá de todos os estrangeiros que abastecem os filmes com sua imundície e lixo, todos os idiotas que servem a uma Imprensa degradada, todos os arquitetos e construtores medíocres que transformaram a bela face da Inglaterra em uma vermelha erupção de sarampo; todo o cortejo de pessoas que tiveram grandes oportunidades e as traíram por egoísmo ou por ouro.

Argumenta-se contra nós que, em nosso modo arbitrário, roubaremos da humanidade os serviços, aqui e ali, de um grande homem. Essa não é nossa intenção. A humanidade é uma grande instituição e, se algum homem tiver grandes serviços a oferecer para seu progresso, ele será testado por sua disposição em aplicar seus talentos à tarefa de enriquecer a vida daquela parte da humanidade que compartilha com ele sua condição de nação. Se a caridade começa em casa, quanto mais a necessidade?

Muito longe de estar contra o gênio, o Fascismo exige que o gênio desça à terra e se alinhe ao lado daqueles que trabalham para o interesses comuns de todos, mobilizados de forma que possam ajudar a dar direção imediata aos assuntos.

Assim, o Bernard Shaw do futuro não será nem suprimido, nem ignorado, nem tratado como um bufão; ele será utilizado, sua imensa capacidade para crítica social encontrando rápido reconhecimento e contribuindo não apenas para o benefício da posteridade, mas para a solução dos problemas práticos de seu próprio tempo.

Se nossa civilização deve ser construída por esforço deliberado e planejamento consciente; se nossa vida nacional deve explorar todas as possibilidades de esplêndida jornada, então não podemos mais nos dar ao luxo de desprezar a cooperação de nossos grandes homens. Mas, por outro lado, os grandes homens terão

a responsabilidade de garantir que seus poderes sejam usados para o progresso da vida corporativa da nação e não como explosivos para destruí-la em pedaços.

Nossos opositores clamam contra nós dizendo que somos intolerantes à crítica. Isso é falso. A flexibilidade do Estado Corporativo é concebida com o propósito de fazer o máximo uso da crítica, já que é apenas por esses meios que o impulso dinâmico de uma nação em direção a grandes conquistas pode ser mantido. A condição essencial do Fascismo é que o crítico deve conhecer sua função e buscar de forma desinteressada o ideal do bem comum.

Somos intolerantes à crítica do amador e do tolo, porque sempre que tal crítica é ouvida, é provável que o patife, o eterno "*racketeer*", esteja logo atrás da cortina, cheio de insinuações fáceis, usando o crítico como ferramenta para criar divisão e conflito, para que possa saquear fora dos limites de uma economia planejada, entre as ruínas do Império.

Tal crítica nós iremos ou destruir ou desviar para canais menos socialmente perigosos, e aqui novamente os admiráveis artifícios do Estado Corporativo vêm em nosso auxílio. O Fascismo, ridicularizando a ideia insana da Democracia de que o trabalhador rural é competente para dar uma opinião sobre, digamos, os detalhes finais do seguro marítimo, insiste que ele é ao menos competente para opinar sobre o trabalho agrícola; e, portanto, fornece-lhe um sistema científico pelo qual essa opinião pode encontrar expressão, não importa quão branda ou devastadora ela seja. Desta forma, até mesmo o indivíduo mais insignificante poderá contribuir para o planejamento do Estado.

Tão infinitamente complexa é a organização do Estado moderno que a ameaça do amador e do medíocre deve ser decisivamente eliminada. Seu lugar deve ser tomado pelo especialista, não porque a formação de um técnico seja o objetivo final da força criativa, mas porque o experimento humano está condenado a fracassar a menos que possa garantir o primeiro objetivo, que é o estabelecimento de uma base satisfatória para o suprimento das necessidades materiais da vida. Até que isso seja feito, o espírito humano permanece em cativeiro a toda espécie de miséria e insensatez, das quais só será resgatado quando cada cidadão se tornar técnico, a fim de dominar sua própria função particular e correlacioná-la ao trabalho do restante da comunidade. A unidade hoje não é apenas força, mas a âncora de salvação da sobrevivência.

Se parecemos destruir a liberdade, deve-se lembrar que a liberdade particular que destruímos é aquela que está destruindo a raça.

Em seu lugar oferecemos a todos os homens e mulheres de boa vontade o direito de trabalhar com valor, não apenas para manter o lobo longe de suas portas, mas ainda mais para construir na Grã-Bretanha uma vida corporativa que finalmente triunfará

sobre as dificuldades do mundo material e libertará a personalidade humana para todas as aventuras que o espírito do homem ainda deve empreender.

VI. A Vida do Camisa Negra.

Deve-se dizer do revolucionário Fascista que, antes de transformar a sociedade, ele transformou sua própria vida.

O avarento pode pregar filantropia e escapar com isso; o devasso pode se esgueirar pela escuridão e ainda usar o halo de sua capela ou de sua igreja.

Mas o seu Social-Democrata não pode fazer Fascismo. Charlatanismo comanda todas as entradas, exceto esta.

O Fascismo não tolera reclamações sobre “direitos.” O mais alto privilégio que concede é a renúncia dos “direitos.” Tudo, exceto o direito de servir, de sofrer, de sacrificar.

“De fato!” diz o Social-Democrata, e não é mais visto. Estamos tão secos de olhos em sua partida quanto seremos de olhos de aço nos dias mais fáceis em que ele implorar para voltar.

Aqueles que servem ao Fascismo como revolucionários devem abrir mão de confortos e segurança. Essa é a menor das exigências impostas a eles. Noite após noite devem sair para falar, ou para proteger aqueles que falam dos argumentos de garrafas quebradas. Semana após semana entregam-se à rotina muito depois de a novidade ter se desgastado.

E muito mais farão antes que o dia duramente conquistado seja vencido.

A vida oferece aos homens muitos agradáveis divertimentos, muitas oportunidades de escapar da dureza dos fatos, muitas sutis nuances de experiência, muitas cores brilhantes. Todos eles, por ora, o Fascista rejeita, não porque seja daltônico; não porque tenha uma mente estreita, mas porque há uma revolução a ser feita. Os alicerces da vida estão ameaçados, e a civilização em sua crise exige decisões em preto e branco.

Não deve haver fingimentos, nem demora à beira do caminho.

Nestes duros dias da batalha pela sobrevivência há mais a ser resolvido do que palavras-cruzadas. Agradáveis fantasias, devaneios, pequenas excentricidades de conhecimento, todas as coisas que enfeitam as páginas do *Observer*—estas são as melodias daqueles que tocam enquanto a alma do homem arde na fogueira.

Pobres tocadores! Eles não conseguem ver a conflagração, tão encantados estão pela música que produzem. Flâneurs tão eficazes quanto borboletas em um vendaval!

Revolucionários Fascistas não colhem flores nesses belos campos. Há um trabalho a ser feito que transcende palavras-cruzadas e cartas ao *Observer*—um trabalho que não marcará o tempo enquanto dardos são lançados ou fios filosóficos são meticulosamente divididos; um trabalho que não presta atenção a críticas de arte ou tênis de mesa, e é independente dos resultados das "três-e-trinta" ou da respiração ofegante dos cães na perseguição de uma lebre elétrica.

Essas coisas, sem dúvida, são boas; não adotamos nenhuma "atitude moral" em relação a elas. Mas sabemos a força do vendaval que sopra, e não temos tempo a perder, nem energia excedente. Diretamente através da enfeites e frivolidades dos tempos nós cortamos do nosso caminho, e ainda assim nosso maior sacrifício não foi feito.

A sagacidade misturada com malícia é apreciada pelos homens. É agradável ver o vento sair das velas de nossos colegas; prazeroso vê-los trespassados pelos floretes da sátira. Eles podem ser nossos amigos, mas o ego não se sente menos apaziguado por isso—nosso mesquinho ego que busca parecer imenso acima da estatura diminuída dos bons companheiros que se alinham de um lado.

Aqui nos aproximamos do nosso maior sacrifício. Aprendemos a desprezar esses prazeres, a aplaudir a frase melhor, o argumento mais claro; a buscar o brilho e o valor de nossos camaradas, resistindo às tentações de nos exaltarmos às suas custas.

O ego mimado clama por reconhecimento, e é bastante inescrupuloso. Satisfeito com as próprias aparências, indiferente aos fatos que tais aparências escondem. Deixado por conta própria, regozija-se a cada hora em um tumulto de autoexibição.

E a vitória virá até nós porque, por meio da disciplina implacável, resistimos a esses prazeres perniciosos e entregamos completamente nosso ego à causa que servimos.

Essa é a medida de sacrifício que temos orgulho de fazer.

VII. O Princípio da Liderança

Mesmo nestes dias pútridos da vida-morte da democracia, uma emergência ainda tem o poder de colocar o homem capaz no comando.

Quando um navio naufraga, ou um edifício está em chamas, ou o pânico toma conta de um corpo de tropas em ação, o devidamente a autoridade constituída age peremptoriamente e vê-se obedecida.

Ou, se a autoridade é incompetente para lidar com a crise, então um líder natural quase sempre surge em seu lugar para assumir o comando.

O capitão cujo navio está afundando não envia mensagem a Whitehall pedindo instruções. O chefe de um corpo de bombeiros não exige uma Comissão Real para decidir quais janelas de um edifício em chamas devem ser quebradas primeiro. O subalterno encarregado de tropas gravemente abaladas não telefona ao Gabinete de Guerra para pedir conselhos.

E se o subalterno e seus “sargentos” forem abatidos, será um pelotão muito pobre aquele que não consiga produzir um simples soldado capaz de assumir o comando.

Mesmo naquele departamento mais importante da vida imperial conhecido como “esporte”, o princípio da liderança ainda é mantido, pelo menos na medida em que o capitão em campo pode mudar o arremesso sem convocar o comitê de seleção ou entrar em contato com o secretário dos Domínios. As tendências recentes mostram que esse princípio está enfraquecendo, e que um dia poderemos ver o Sr. J. H. Thomas, em nome da unidade imperial, dando instruções agitadas das arquibancadas ao capitão sobre qual tipo de arremesso nossos visitantes do Domínio provavelmente apreciarão mais.

No presente, porém, o capitão é livre para seguir com o jogo, sem interferência durante o progresso real da partida.

Somente na gestão da vida política e econômica da nação é que o princípio da liderança é ignorado, pela boa (ou má) razão de que a democrática, tentando governar no interesse do todo, acabaria pisando tão severamente nos calos da seção particular do todo que lhe deu poder, que o clamor resultante os faria ser expulsos do cargo em debandada. Assim, os governos deste tipo defendem a negação da liderança e estão condenados a sempre seguir abjetamente aos pés de seus mestres.

Igualmente miserável é a situação do parlamentar comum que, por um lado, não ousa desobedecer aos chefes de seu partido, e, por outro, tem pavor de dizer ou fazer a menor coisa que possa alienar qualquer grupo de apoiadores em sua circunscrição, não importa quão pequeno seja o grupo ou quão forte seja sua convicção — caso algum dia chegue a possuir uma convicção, o que é raro.

Não admira que os falsos “líderes” que surgem em tais circunstâncias sejam os mais versados nas artes do compromisso, da camuflagem e em todos os múltiplos artifícios da astúcia vulgar.

A única peça de revelação afortunada fornecida por nosso sistema parlamentar obsoleto é que o povo da Grã-Bretanha demonstra, na época da eleição, um desejo muito profundo e sincero de liderança, não importa quão tristemente pervertida seja sua expressão. Por algumas breves semanas, o candidato é ovacionado e aclamado quase como um super-homem — o pináculo e a coroa do desejo popular. Ele pode

ser, e frequentemente é, um patife plausível e interesseiro, mas isso não impede que sua exaltação pelo eleitorado o transforme na encarnação e no supremo objetivo de suas esperanças.

Isso mostra com clareza que, quando a máscara é arrancada dos olhos dos britânicos, de modo que eles veem como uma falsa liderança tenha abusado totalmente de sua confiança, eles serão despertados a alturas estupendas de entusiasmo e inspirados a grandes feitos com o advento de um verdadeiro líder, que tenha a coragem, a habilidade e a visão de abrir um caminho para eles através dos emaranhados de corrupção e decadência que atualmente os cercam e os isolam da decência e da grandeza da vida.

Se nos Camisas Negras deve ser percebida uma confiança imensurável, é porque sabemos que tal líder já surgiu entre nós; porque nós o encaramos nos olhos e não tememos mais pelo futuro de nossa raça.

VIII. As Luzes de Londres

Aqui está o coração da capital do Império: um espetáculo de fogo. Fogo que corre, salta e faz piruetas cintilantes — proporcionando as iluminações da maior de todas as cidades do mundo.

Não um fogo furioso e caprichoso que não serve a nenhum propósito humano, mas um fogo domesticado por mágicos modernos para soletrar mensagens ao povo imperial que segue seus caminhos no esplendor da noite londrina.

Bem poderia o visitante marciano encontrar seu assombro no espetáculo, engolido por um desejo febril de saber que portentosas notícias estavam sendo lançadas nos olhos e mentes dos homens. A solução para o enigma do universo certamente seria sua primeira conjectura, pois que outra mensagem menor poderia justificar o uso de letras de chama que outrora proclamaram as leis do Céu para o governo da Terra?

Conjuntura lamentável, muito aquém da fulgurante verdade! Não faltarão tutores desdenhosos para corrigir o Marciano. Dir-lhe-ão que a humanidade se elevou acima de todos os mistérios cósmicos; que suas aspirações, seus temores e suas conquistas foram apanhados e treinados para um objetivo ainda mais transcendental — a civilização comercial *de luxe*, na qual os homens estão destinados a se tornarem cada vez mais afinados com o infinito, à medida que seus lucros se acumulam e suas almas redundantes se deterioram.

Os guardiões do mundo moderno, fiéis à sua missão, não permitirão que a humanidade seja vendida por uma mera abstração, nem que desperdice seu tempo

precioso em tolices sobre o bem e o mal. Eles servem a uma realidade, e a servem com fidelidade inabalável até a morte — a realidade dos dividendos.

O homem já foi definido como um animal pensante, um animal que reza, um animal que usa ferramentas, como todo tipo de animal sob o sol; mas essas definições obscureceram a única verdade ofuscante — que o homem é um animal comprador.

É mérito da nossa civilização contemporânea não apenas o fato de essa verdade ter sido lembrada, mas também de ter sido gravada na memória de nossa época por todas as mensagens flamejantes de fogo que galopam apressadamente e tão orgulhosas quanto a cavalaria diante dos olhos, de cada ponto da cidade.

Somente um simplório teria a inteligência humana para enfrentar o ar do deserto indagando sobre os estéreis mistérios da eternidade. Não sabe ele que existe verdadeiramente um conhecimento majestoso a ser adquirido no aqui e agora? Por exemplo, não sabe ele que:
“Brown’s is the Stout — To Shout — About!”[1]

O sacerdote de antigamente conclamava os fiéis a rezar.
Os sacerdotes esclarecidos de hoje — a esplêndida hierarquia dos que vendem — conclamam com voz ainda mais alta os fiéis, exigindo que eles comprem.
E o antigo ritual de fogo é novamente invocado, agora para proclamar a maior verdade de que:
“Brown’s é a Stout — Para Gritar — E Contar por Todo Lado!”

E, sem dúvida, com o tempo, os povos imperiais adotarão o cântico místico, derramando seus sacrifícios aos pés do Sr. Brown. Enquanto isso, caminham pelas ruas, impressionados pelo turbilhão do espetáculo de fogo, sentindo que, de algum modo, eles também são iniciados nos grandes mistérios comerciais.

Se muitos deles têm consciência do seu pequeno poder de compra, o que torna seus sacrifícios aos sacerdotes tão indignos, não lhes falta compensação. A Arcádia permanece para suas visitas. Alguns migram à noite da rusticidade modificada de Camberwell Green para os amplos espaços de Hyde Park, onde o chamado das luzes pode ser esquecido enquanto seguram as mãos de seus parceiros e permitem que o ritmo das canções de amor americanas comande um breve espaço de suas vidas: seu simulacro sentimental de sexo, policiado e mantido respeitável pela constante vigilância da lei.

Outros escapam do brilho ardente das ruas pagando pela entrada em templos onde as luzes são suaves e difusas, e onde os potenciais “machos” podem cavalgar por procuração nas costas de magníficos garanhões rumo ao resgate de donzelas da

1 “Pra Gritar Bem Alto e contar por Todo Lado!”

pradaria em perigo, enquanto as potenciais “fêmeas”, em fantasia, desmaiam sob as barbas bravas de xeiques do deserto, misericordiosamente livres dos odores do deserto.

Ainda para o nariz mais sensível haverá outro cheiro, ainda menos agradável ao olfato.

E, na manhã seguinte, antes que os povos imperiais saiam para trabalhar para seus sacerdotes (pois precisam trabalhar assim como comprar), o jornal barato chega trazendo novos estoques de entorpecentes, na forma das sensações do mundo, diligentemente recolhidas por telefone e rádio, ladeadas pelos anúncios dos infatigáveis sacerdotes cujo destino cósmico é vender, vender, vender.

E à noite — novamente o clarão dos fogos sagrados saltando sobre as paredes da cidade.

Essa é a liberdade do povo. Livres de sua terra natal, de seu solo, de sua tradição e de sua herança, de sua personalidade e de sua vida. E, em troca dessa liberdade, servem como escravos aos altos sacerdotes do comércio e da usura, cujos pais não lutaram em Azincourt.

Por um tempo apenas. Eles ainda não estão mortos. Eles ainda conseguem compreender um fogo que se recusa a proclamar nas paredes a mensagem flamejante de que “Brown’s é a Stout — Para Gritar — E Contar por Todo Lado!” É um fogo que arde dentro deles e que, um dia, insurgirá em vingança — o fogo que é a alma da Bretanha.

Antes que o dia amanheça, os sacerdotes que conspurcam o espetáculo de nossa vida deveriam ter suas malas prontas e esperando no saguão…

IX. Guerreiros Mortos do Império.

Você se lembrará, quando o navio de tropas avançava em sua travessia pelo Canal e os ventos da tarde brincavam de cabo-de-guerra com seu cabelo, como você fitava adiante, destemido, olhos firmes, não apenas na aventura destinada a te engolir, mas num tempo em que a vida dos homens deveria ser tão heróica quanto suas mortes.

De pé ali no convés, a inexorável condenação da batalha se aproximava a cada respiração, você via diante de si a visão de um futuro que não tinha lugar para as futilidades vis daquilo que passou—um futuro santificado pela agonia empapada de sangue dos campos da França e dedicado por todo o tempo às mais nobres aspirações de sua raça.

Olhando para trás, sobre os destroços dos anos que contemplamos, não apenas a traição organizada de sua causa, mas o hediondo cinismo calculado pelos meios de

que ela é abarcada. À sua memória ergueram o Cenotáfio, mas o FUTURO de sua visão eles não construíram. Seu sacrifício—um mísero milhão de vidas—não foi espetacular o bastante para assegurar que o esplendor de seu espírito fosse acolhido e consagrado na vida da nação que você salvou.

Tal curso teria envolvido sacrifício da parte dos mestres da situação, os Pundits políticos e os Lordes dos Negócios, e você estaria em falta no respeito a homens de tal alta consequência se esperasse deles até mesmo a menor renúncia de seus direitos. Vocês entregaram suas vidas, é verdade, mas qual era o seu propósito senão assegurar que ainda houvesse lucros, e que o poder político continuasse doce para aqueles privilegiados de provar de seu fruto?

Durmam, bravos camaradas!
É bem que os últimos sons a reverberar através de sua consciência mortal tenham sido o trovão do bombardeio e o estrépito das metralhadoras, pois havia ali uma música mais nobre do que os gritos de chacal daqueles que vieram consolidar a Paz e lucrar com seus ganhos. É bem que você não tenha visto o propósito coeso se desfazer, a camaradagem se dissolver, e o Raio Amarelo, florescendo em um manto de muitas cores deslumbrantes, surgir para tomar o comando.

É bem, com toda certeza é bem, que você não tenha visto sua terra natal transformada como que por magia em uma espécie de monstruoso *palais de danse*20, com toda sorte de "esquema" comercial encontrando um parceiro em meio a toda sorte de "negociata" política, e calcanhares sendo chutados alegremente no ar para celebrar a degradação e a vulgarização da vida em níveis nos quais os lordes e mestres não poderiam deixar de se sentir em casa.

E nós, seus irmãos-de-armas? Não recai sobre nós nenhum reproche, por termos permanecido firmes enquanto cada valor que prezávamos era zombeteiramente lançado fora ou então balançado diante de nós por interesseiros e cínicos que não tinham outro propósito senão explorar nossa lealdade para fins diversos dos nossos?

Só podemos dizer que éramos jovens, e dispersos, e pateticamente confiantes em líderes que nos fizeram brilhantes promessas, e que sob o disfarce dessas promessas, serviam apenas a um objetivo—a qualquer custo manter-se no poder. Levou tempo até descobrirmos que, para alcançar esse resultado, não havia política de compromisso ou rendição à qual esses líderes se recusassem a descer.

De um lado, nos ofereceram um patriotismo vulgar, um chamado não para construir uma Grã-Bretanha mais nobre, mais limpa, mas para manter uma Grã-Bretanha ignóbil em um estado de remendo, e conservar tudo o que era mesquinho e ganancioso e economicamente perverso, para que a riqueza e o privilégio de poucos ainda sobrevivessem. Do outro lado, ofereceram-nos um internacionalismo sebento, a

luta de classes, a Ditadura do Proletariado e todos os demais desvarios do sonho Socialista.

À medida que essas duas alternativas se aproximavam e arranjavam casamentos de conveniência, encontrávamo-nos ainda mais na escuridão e, em grande parte, resignados ao que parecia ser a inevitável derrota de nossa outrora viril e majestosa raça.

Se os registros terminassem aqui, fariam uma leitura triste. Mas eles não terminam aqui.

Quando nossa necessidade era mais urgente, e nossa posição a mais desesperada, ficamos surpresos ao ver emergir de uma miscelânea de líderes “falsos” um líder que não era falso. Ele era de nossa própria camaradagem de guerra, via como nós víamos, e sentia como nós sentíamos, apenas com uma luminosidade mais intensa.

Ele nos convocou para a cruzada.

Ele nos chamou a segui-lo em um ímpeto contra as conspirações sociais mais vastas e mais solidamente entrincheiradas que o mundo já conheceu. Ele nos convocou a destruir o esquema organizado que se disfarçava como nossa “vida nacional”. Ele nos convocou a pôr de lado nossas dúvidas, a renunciar à nossa comodidade e, mais uma vez, assumir a dura luta pela Grã-Bretanha, desta vez para salvar sua alma.

Inspirados por sua coragem destemida, animados pelo poder de sua personalidade e impelidos pelo vigor supremo de seu espírito, apressamo-nos em responder, um a um, grupo por grupo, centena por centena, e então milhares e milhares; de modo que, hoje, o trovão de nossa marcha, lado a lado com a flor da juventude da nação, soou por toda a terra.

Na força de nosso credo, passaremos triunfantes através do ridículo, do abuso e da violência para libertar o povo de nossa nação das mesquinhas tiranias que os oprimem e corrompem e para lhes apresentar um ideal de serviço à sua pátria como nunca conheceram antes.

Nós somos os Fascistas da Grã-Bretanha. Surgimos na cena nacional como desafiadores de todo fator que significa decadência. Desafiamos a noção de que os homens devam, por necessidade, viver muito abaixo do nível de sua própria realização transcendente. Desafiamos os mercadores de lucro e os promotores da luta de classes, e ordenamos que cedam diante de nossa causa. Planejamos uma nação unida, na qual haja riqueza e equidade para todos. Não há lugar para qualquer outro “plano”, nenhum lugar para qualquer outra “causa”.

Carregamos conosco, como posse sagrada, a memória do espírito que ardeu em você quando saltou para a morte como um atleta sobre a bola. Se o esforço humano valer,

essa chama servirá de farol para irradiar os corações dos Britânicos através dos anos vindouros, e para brilhar além-mar como garantia a seus filhos e filhas de que a Pátria-Mãe, ressurgente e vital, assumiu novamente a liderança na vanguarda das poderosas nações do mundo.